

AS MUDANÇAS GLOBAIS E A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO ATUAL

Aécio Rodrigues de MELO¹

As últimas décadas do século XX são marcadas por profundas transformações no espaço geográfico global, as quais referem-se às questões ambientais e às questões étnico-culturais, provocando preocupações quanto ao futuro do planeta no tocante a sua disponibilidade de recursos ambientais e quanto a velha ordem sócio-política e econômica vigente, que passava de um mundo bipolar do pós Segunda Guerra, para um mundo multipolar, com a eclosão de novas potências mundiais, bem como a eclosão das questões étnico-religiosas, que proporcionavam uma fragmentação territorial em alguns países (Ex-União Soviética e Ex-Iugoslávia, por exemplo), fazendo surgir novos países como a Lituânia, Letônia, Estônia, Eslovênia.

Desta forma, vivencia-se um tempo de profundas transformações espaciais e que a velocidade das informações (via Internet) fazem com que se possa, em qualquer parte do mundo, instantaneamente, partilhar das mudanças, mais do que nunca globalizadas.

Quanto às mudanças globais relativas à questão ambiental, faz-se necessário salientar que, as preocupações ambientalistas têm aflorado em discussões científicas em todo o planeta, e que a sociedade contemporânea se deparara com problemas em escala planetária, entre elas: o aquecimento global, a destruição da camada de ozônio, o aumento do nível dos mares e a redução da biodiversidade.

Tudo isso leva-nos a compreender esta problemática ambiental analisando-a sob a ótica do sistema capitalista, onde existem países ricos e pobres, onde a minoria da população é grande consumidora dos recursos ambientais (os EUA com 6% da população mundial consomem o equivalente a 1/4 do petróleo), e que não raras vezes responsabiliza o "V"

¹ Doutorando, Curso de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 – Presidente Prudente – SP – Brasil. E-mail: aeciome@bol.com.br

Mundo” como o responsável por muitos destes problemas. Cita-se, por exemplo, o caso dos países mais desenvolvidos, entre eles, o próprio EUA, em não assinar o compromisso de redução das taxas de CO₂. Para Foladori (1999), os países desenvolvidos não estão muito preocupados com os atuais impactos ambientais de origem antrópica, uma vez que, consideram os mesmos como problemas meramente técnicos e que podem ser resolvidos com certa facilidade. Por exemplo, para resolver o problema do CO₂, estão pensando em depositá-lo nos interstícios das rochas a grandes profundidades, sobretudo nos casos das refinarias de petróleo; quanto à combustão de combustíveis fósseis e sua possível exaustão, estão pensando em lançar automóveis movidos a hidrogênio; e com isso o sistema capitalista vai driblando a atual problemática ambiental, mesmo que de forma paliativa e sem conhecer suas conseqüências futuras.

É plausível reiterar que a grande maioria da população mundial vive no espaço urbano, que as atividades agropecuárias estão cada vez mais modernizadas e tecnificadas, e que consomem grande parte da água disponível dos mananciais ou dos reservatórios subterrâneos. Assim sendo, estas peculiaridades contemporâneas colocam a população mundial diante de problemas ambientais cada vez mais complexos e de difíceis soluções, e que eu colocaria como sendo problemas mundiais: a poluição do ar, da água, do solo, do lixo urbano, o lixo industrial, a poluição das empresas de mineração, dos insumos agropecuários poluindo os alimentos, o solo, a água superficial, os aquíferos, provocando a erosão dos solos, o desmatamento, o assoreamento e os inúmeros problemas ambientais urbanos advindos da concentração da população mundial nestes locais.

Castells (1999) afirma, entre outras coisas, que as principais mudanças globais mais significativas advém da Queda do Muro de Berlim (1989), da Perestroika e da Glasnost, as quais marcavam o fim do chamado socialismo real e o triunfo da dominação hegemônica do sistema capitalista. A unificação alemã permitiria, do ponto de vista geopolítico, o surgimento de uma nova grande potência mundial, enquanto o colapso da Ex-União Soviética, evidenciaria que o “socialismo burocrático do

Estado”; chegava ao fim, após sete décadas de autoritarismo, de centralização do poder e de depredação do meio ambiente. Embora Gorbachev (1990) falasse da reestruturação econômica e da abertura política do leste europeu, objetivando reestruturar e fortalecer o socialismo; na realidade não é bem isso que se visualiza no mundo atual.

Observa-se a eclosão de caráter étnico-cultural das minorias sociais, que tanto nos países que adotam o sistema capitalista quanto nos socialistas, estiveram camufladas e que neste momento de abertura puderam manifestar-se e lutaram por caminhos separatistas e emancipativos como ocorreram na Ex-Iugoslávia (Eslovênia, Croácia, Macedônia, Bósnia), na Ex-Tchecoslováquia (atual Tchêquia e Eslováquia), na Ex-URSS (Repúblicas Bálticas e Geórgia). Assim sendo, a Europa tem sido palco, nestes últimos anos, destas aspirações separatistas, e não menos intenso é o problema de cunho eminentemente religioso da Guerra da Bósnia, do crescimento do Islamismo no Oriente Médio, dos conflitos entre Israel e a OLP, das disputas religiosas/territoriais entre a Índia e o Paquistão (região da Cachemira).

Do ponto de vista das áreas de influência internacional, o atual mundo multipolarizado, Costa (1990) destaca o fortalecimento da influência norte americana na América Latina, o Japão com sua área de hegemonia no leste asiático, a China, sobretudo após a anexação de Hong Kong, torna-se uma potência mundial, e a tentativa de unificação européia (CEE), como sendo um mecanismo de enfrentamento direto às demais potências (embora numa longa trajetória que se inicia com o Tratado de Roma na década de 50 e que se arrasta até os dias atuais).

Assim sendo, a configuração do mundo atual é marcado pelas disputas hegemônicas entre estas grandes potências (blocos internacionais de poder), em que o sistema capitalista, apesar de toda a problemática social e ambiental, parece vitorioso devido a sua capacidade de reestruturar-se e de adequar-se às inovações em que a humanidade caminha a passos galopantes.

As empresas transnacionais continuam sendo mecanismos e estratégias de dominação e de supremacia destes blocos internacionais de poder.

O mundo atual continua marcado pelas diferenças sócio-político-econômico-culturais, onde as relações centro-periferia, dominador-dominado, desenvolvido-subdesenvolvido continuam mais evidentes nas relações incluídos-não incluídos, onde cada fração apresenta uma classe social minoritária privilegiada, grande consumidora, interconectada com o mundo todo e por outro lado a grande maioria da população que forma uma grande massa excluída, sem acesso às condições infra-estruturais básicas como moradia, água encanada, esgoto, transporte coletivo, serviço médico-hospitalar e, sobretudo excluída do emprego.

Em nome da globalização se justifica o estado de miserabilidade e de penúria de grandes contingentes populacionais do mundo todo, do desaparecimento do emprego, da concentração da renda e da terra, do caos social e da crise ambiental.

Alguns países asiáticos como a China e a Índia, tradicionais empregadores de mão-de-obra braçal humana (agricultura de jardinagem) têm adentrado nestes últimos anos para a agricultura mecanizada e tecnificadas, tornando-se vastos mercados para as indústrias de fertilizantes, de máquinas agrícolas, de sementes certificadas e de insumos em geral, em contrapartida reduzindo paulatinamente a oferta de empregos.

Vivencia-se hoje um mundo de crises e incertezas, onde as mudanças e as transformações observadas hodiernamente têm servido mais para agravar do que para minimizar as discrepâncias e as contradições sociais; onde as preocupações ambientais tornam-se cada vez mais presentes na consciência das pessoas, embora pouca coisa tenha sido implementada na prática, em prol de um mundo "justo socialmente, aceito culturalmente, viável economicamente e sustentado ambientalmente".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, M. **Fim de Milênio: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, v.3, 1999.
- COSTA, R. H. da. **Blocos Internacionais de Poder**. São Paulo: Contexto, 1990. Coleção Repensando a Geografia.
- FOLADORI, G. **Los Límites Del Desarrollo Sustentable**. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental SRL., 1999.
- GORBATCHEV, M. **Perestroika: novas idéias para o meu país e para o mundo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1990.

O LUGAR BRASIL

Jones DARI GOETTERT*

1500-2000.

Abordar sobre o tema “as mudanças globais e a configuração do mundo atual”, possibilita “excursionar” por uma complexa teia de relações configuradas espacial, social, econômico, político, cultural e simbolicamente; um tema, portanto, carregado de possibilidades de análise. Isso remete-nos, aqui e agora, a propor, mesmo que audaciosamente, uma “leitura” do Brasil a partir de algumas “leituras” produzidas durante sua história. Tentaremos, assim, compreender o Brasil no movimento mesmo de sua construção/produção e não como um dado absoluto e acabado. Tal perspectiva, entendemos, pode se constituir uma “ponte” entre o local e o global, o nacional que se forma enquanto Brasil-Nação (principalmente entre a partir de meados do século XIX) e o mundial, parte e todo de um processo que estampa o nacional e o mundial sobre um determinado modo de produção, sem, no entanto, deixar de expressar as memórias de modos de produção anteriores.

A construção do *lugar* Brasil foi e é, antes de tudo, parte do resultado da expansão ultramarina européia a partir dos séculos XV e XVI. O ano de 1500 passou a simbolizar o marco da inserção destas terras ao movimento maior – comercial – que se projetava da Europa a partir de então (a questão da chegada dos portugueses se em 1500 ou se pelo acaso, mesmo com fontes que indicam a presença de Duarte Pacheco em 1498, entendemos não ser um ponto central).

A primeira “leitura” sobre a *terra brasilis* foi estrangeira. Pero Vaz de Caminha retratou estas terras e suas *gentes* a partir de um olhar ao mesmo tempo *pacifista* e *colonizador*. Nesta terra, onde tudo poderia conter e dar, pela exuberância de suas florestas e

* Doutorando (PPGG/PCT/UNESP – Presidente Prudente – SP).

diversidade da fauna, Caminha já colocava, implicitamente, as intenções de El Rei em estabelecer o comércio com e no “paraíso”. O “paraíso” de sentido de significado religioso (Terra de Santa Cruz) para Brasil, de significado econômico-comercial (pau-brasil), fez emergir o sentido que nortearia a ocupação e a colonização brasileira, processo que ocupou os últimos 500 anos.

Do litoral para o “sertão”, na produção de gêneros com alto poder de comercialização como o açúcar (precedido por uma rápida extração do pau-brasil), foi se produzindo um espaço que atendia aos interesses lusitanos, ao mesmo tempo que reduzia os territórios ocupados pelas diversas nações indígenas (dentre as quais aquelas que se aliaram aos europeus), desencadeando um dos maiores etnocídios da história.

O desenvolvimento da produção de cana-de-açúcar e da pecuária (principalmente na parte oriental da atual região nordestina), até a virada do século XVII para o XVIII; a mineração nas Minas Gerais no século XVIII; e o “renascimento da agricultura” (de acordo com Caio Prado Júnior) a partir da virada do século XVIII para o XIX, já com a primazia do café, sobretudo, colocaram-se como momentos de um modelo de colonização de exploração (diferentemente das colônias inglesas do norte da América do Norte, definidas por “colônias de povoamento”, conforme Celso Furtado e Caio Prado Júnior), caracterizado numa concepção cristã, européia e ocidental.

A independência do Brasil em 1822 pouco significou em termos de mudanças nos rumos políticos e econômicos, principalmente em relação à participação popular e à produção e distribuição de renda. Tanto assim que em meados do século XIX, com Von Martius (a partir do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – IHGB) e Varganhen, e agora como Brasil e não mais como colônia de Portugal (muito bem discutido por Fernando A. Novais, enquanto “exclusivo metropolitano”, componente fundamental do Antigo Sistema Colonial), o Brasil-Nação deveria continuar o grande feito português, de conquista, ocupação e progresso. Em nítido enaltecimento do europeu-português em detrimento do Brasil índio, negro e mestiço, o Brasil-monárquico deveria persistir na sua balada enquanto nação que se fazia gigante pela grandiosidade

de sua base econômica e de sua classe dirigente¹. Portanto, Von Martius e Varganhen insistiram no Brasil neocolonial, neoportuguês e branco, mesmo que na época a maioria da população fosse não-branca.

Necessário era, para os dirigentes, embranquecer o Brasil, pois essa *gente brasileira*, essa “raça degenerada”, nem tinha e nem possuía a capacidade não de revolucionar o Brasil, mas simplesmente em reproduzi-lo e conservá-lo nos moldes estabelecidos.

O movimento imigratório a partir de 1870, principalmente, foi parte do projeto de branqueamento da população, com pouco êxito (diferentemente da Argentina que obteve maior “sucesso”); é claro, mas fundamental no processo que levou à substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre-assalariado (com suas várias nuances como o colonato, discutido por José de Souza Martins).

A imigração, por outro lado, foi fator importante para o desenvolvimento industrial no Brasil, em especial em São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, no final do século XIX, mas principalmente nas quatro primeiras décadas do século XX, parte do espaço brasileiro, de “vocaçãõ agrária”, foi tecido por relações que criaram as bases da industrialização alicerçada, grandemente, na ideologia nacionalista (e populista) de Getúlio Vargas.

Naquele momento, duas “leituras” do Brasil tomavam forma. Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, ainda extremamente conservador, repõe a base aristocrática, latifundiária e branca em novos termos; o Brasil é o país da miscigenação. Lançava, assim, as bases do mito da “democracia racial” ao ler a relação senhor-escravo (casa grande-senzala) no seu sentido mais romântico: da promiscuidade entre senhores e escravas, base do paternalismo, portanto. Sua base de análise

¹ Abriremos esta pequena nota para aludir a um certo *habitus*, a uma certa recorrência, tanto por intelectuais quanto por militantes: a definição de *elite* às classes dominantes (potência e economicamente). Quando falamos que a *elite* brasileira é isto ou aquilo, sabemos todos a quem estamos nos referindo; no entanto, a definição de *elite*, tomada no “pe da letra”, aparece-nos como imprópria. Porque: *elite* significa, dentre outros, a *nata*, a *finis finis*; principalmente, o que há de melhor numa sociedade ou num grupo. Ora, longe esta da *classe* capitalista brasileira se constituir no que temos de melhor no Brasil. Aliás, a única forma dos grupos dominantes no Brasil figurarem no topo, como a *nata*, é quando da demonstração da pirâmide de concentração de renda: estreitíssima no cume e dilatadíssima na base.²

se assentava, em especial, na formação do povo lusitano que teria a miscigenação (fenícios, gregos, cartagineses, romanos, mouros, africanos mediterrânicos, etc), como característica central – daí, o luso-tropical.

No mesmo período, Mário de Andrade lançava as bases do Brasil-antropofágico. Com a necessidade de pensar o Brasil por ele mesmo, a antropofagia cultural era elemento central que permitia compreender a grande capacidade de absorção dos valores estrangeiros, ao mesmo tempo que permitia a manifestação do pensamento, da vida e da arte brasileira. Percebemos, em Mário de Andrade, mesmo que implicitamente, a necessidade de “ver” o Brasil não como espaço construído inteiramente de fora, mas na relação do Brasil com o mundo em outros termos, que se afirmavam na autonomia, na soberania e no “comer” o *outro*-estrangeiro, simbolicamente.

Por outro lado, Caio Prado Júnior, em sua “leitura” do Brasil acentuando o tripé latifúndio-monocultura-escravidão, portanto um espaço – engenho de açúcar/fazenda de café - concentrado, analisa a relação de dependência ente a colônia e a metrópole e depois entre o Brasil e a Inglaterra e os Estados Unidos. Assim, como componente estrutural na/da formação da sociedade brasileira e, portanto, de seu espaço produzido, as possíveis transformações no Brasil deveriam se processar na contramão da dependência da estrutura concentracionista interna e da estrutura de dependência externa.

Na mesma balada, mas mais próximo de Keynes que de Marx, Celso Furtado, a partir dos estudos da CEPAL, lê o Brasil e sua história (portanto, também de seu espaço), a partir da formação de centros e suas respectivas periferias. Da análise centro-periferia no movimento histórico interno do Brasil, Celso Furtado discute a relação de dependência do Brasil para com os países centrais, sendo que até os dias atuais critica os acordos “bi” (ou unilaterais) entre o governo brasileiro e os grandes controladores do capital internacional, como o FMI e o Banco Mundial.

Em sentido diametralmente oposto, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso construiu a Teoria da Dependência. (Aqui, uma certa

tranquilidade na compreensão dessa teoria é patente, uma vez que está em franco desenvolvimento desde 1994!) A leitura de que os “países emergentes” devem se aproximar dos países centrais abrindo suas fronteiras econômicas e incentivando a entrada de capital internacional, no sentido de tornarem-se “parceiros” e possibilitando a inserção de um maior número de pessoas do mundo do consumo, norteia os projetos neoliberais dos governos brasileiros, argentino, chileno (este, desde a derrubada de Salvador Allende com a ajuda dos Estados Unidos, onde se processaram as bases de experimentação do modelo econômico neoliberal, como apontado por Perry Anderson) e mexicano, por exemplo.

Na construção/produção do espaço brasileiro, Francisco de Oliveira, ao analisar a criação da SUDENE e a relação entre o Nordeste e o Brasil, mas em especial a relação com o Sudeste, apresentou as bases de um Estado que se constrói como sustentáculo das elites coloniais e nacionais, de um lado, e dos pactos entre as classes dirigentes nacionais e internacionais, de outro. Planejado, enquanto programa de desenvolvimento da região nordestina, Francisco de Oliveira apontava a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste como a expressão de manipulação e controle, em grande medida sobre movimentos sociais populares que se faziam comparecer.

Essa leitura, aparentemente regionalizada, é esclarecedora no sentido de compreender o apego incontestável dos ditames internacionais (o Consenso de Washington é um grande exemplo, praticamente duas décadas após a criação da SUDENE), em detrimento das questões e demandas sociais internas. Isso leva-nos a aproximações às proposições apontadas por Alain Lipietz e Neil Smith. O primeiro ressaltou que a região deve ser compreendida na relação com o externo, mas que isso não lhe retira um certo grau de autonomia, portanto, com características que lhe são próprias. Coloca-nos, implicitamente, que as mudanças globais e a configuração do mundo atual envolvem o movimento dialético (e portanto contraditório) do interno e do externo (também do “velho” e do “novo”, do Estado e do mercado, como posto por Milton Santos em *Metamorfoses do Espaço Habitado*), do regional, do nacional e do mundial que se inter-

relacionam (como a formação de blocos econômicos supra-nacionais), mas que não podem negligenciar e desconsiderar os interesses que se assentam nas nações e regiões que a compõe.

Já Neil Smith, analisando o desenvolvimento desigual mundial, mas que podemos escalonar em vários níveis, repõe a questão da expansão do capital e sua territorialização, desigualmente, como componente fundamental no desenvolvimento do modo de produção capitalista em bases local, regional, nacional e internacional. Nessa direção, podemos intentar que as mudanças econômicas globais (com nuances nacionais, regionais e locais) e uma pretensa mudança na configuração do mundo atual, não deixam de reproduzir as contradições da economia capitalista, ao mesmo tempo fazendo ressurgir movimentos nacionalistas, separatistas, religiosos e étnicos aparentemente extintos pela “exuberância” da liberdade de mercado, desde 1777 apregoado por Adam Smith e que atualmente se reveste com uma nova “toga”, neoliberal.

Se, na contradição “globalização-fragmentação”, por um lado os mercados nacionais se conectam vertiginosamente e a aceleração temporal se sobrepõe ao pretense espaço neutro, por outro lado os lugares da fronteira entre os Estados Unidos e o México, entre a Europa e a África, os “não-lugares” bascos na Espanha, dos palestinos em Israel, dos curdos no Iraque, dos imigrantes euro-orientais na Alemanha e Inglaterra, por exemplo, anunciam que a “globalização” é parcial, excludente e desigual.

Entretanto, nem a “globalização” e nem a “fragmentação” podem ser compreendidas isoladamente. Não é a reestruturação produtiva capitalista, a partir do modelo toyotista em supressão ao fordismo-taylorismo que explica, por si só, esse contraditório movimento. Se, como muito bem coloca George Benko, a “globalização” é parte de um amplo processo da reestruturação produtiva capitalista, implicando mudanças locacionais das firmas e também mudanças na organização interna das fábricas, paralelamente implica na mudança e reorganização da população. Deste último aspecto, parece-nos imprescindível a produção sistemática de instrumentos de análise necessários tanto sobre

as migrações internacionais quanto sobre as migrações internas no Brasil (pois, como então entender, por exemplo, que no mundo “globalizado” e em movimento acelerado, tanto temporal quanto espacial, aprofundam-se relações “topofílicas” [mas também “topofóbicas”] Yi Fu Tuan - entre os palestinos no Oriente Médio e entre os índios Terena no Mato Grosso, estes últimos há quarenta anos expulsos de seu território imemorial?).

Nessa direção, pensar a mobilidade do capital pelo mundo é componente importante para a compreensão da mobilidade do próprio trabalho, portanto, dos trabalhadores (compreendidos, aqui, na sua diversidade). Se por uma lado Jean-Paul de Gaudemar enfatizou que tanto a mobilidade horizontal (migração), como a mobilidade vertical (profissional-ocupacional), ocorrem para a acumulação de capital, por outro lado Abdelmaleck Sayad analisou a (i) migração como um “fato social completo”. Este último, trabalhando com imigrantes argelinos na França, entendia que a compreensão do movimento seria possível na análise contextual e subjetiva do emigrante (aquele que sai) e do imigrante (aquele que chega), ambas partes de um movimento que retira e repõe sujeitos ímpares mas dilacerados entre dois mundos.

Não tenhamos dúvidas de que as pretensas mudanças globais se colocam, em grande medida, como imposições. Sobre o Brasil, por exemplo, da imposição de “leituras” europocêntricas e, em decorrência, de projetos dos “brancos”; da imposição da banalização dos lugares da “fragmentação” e das singularidades como os “lugares dos mortos” (fazemos relação aqui à análise de Maria Encarnação Beltrão Spósito sobre a origem da urbanização); da banalização do conceito de Brasil-Nação, ao retirar das experiências e sociabilidades das *gentes do Brasil* possíveis canais para a afirmação de uma identidade ligada à alteridade (em contrapartida ao “encontro” mal sucedido analisado por Todorov entre astecas e espanhóis); à imposição de projetos de vida, de projetos de urbanização (como a “urbanização autoritária” apontada por Milton Santos em detrimento, inclusive, a uma “embrionária urbanização” indígena apontada por Claude Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos*), ou, ainda, a imposição de um “barroco autoritário” sobre uma perspectiva

"antropofágica" do povo brasileiro, que se formava na relação entre índios, negros e brancos (conforme apontou José de Souza Martins em *A Chegada do Estranho*)...

Mas retomamos, agora, a proposta inicial: discutir "as mudanças globais e a configuração do mundo atual" a partir de "leituras" do Brasil. Nessa breve discussão, parece-nos, fez com que levantássemos e discutíssemos o tema em outras bases, postas nos seguintes termos: **as mudanças dos lugares e as configurações dos lugares atuais**. Poderíamos ter optado pela análise da formação dos blocos econômicos com referência em Rogério Hasbaert da Costa, ou mesmo a partir da "condição pós-moderna" de David Harvey. A opção por este caminho foi acadêmica, intelectual, social, cultural... E também política.

Partimos de um lugar, do Brasil. Aproximamo-nos, em alguma medida, de Ana Fani Alessandri Carlos ao discutir *O Lugar no/do Mundo*, a partir da tríade "habitante/identidade/lugar"; aproximamo-nos de Julie Cruikshank, quando ressalta que a história e a memória são carregadas de lugares; aproximamo-nos, também, de Milton Santos, que ao resgatar Tolstói ("ser universal é falar da aldeia"), apresenta o lugar como categoria importante na análise geográfica, mas também histórica.

Portanto, as mudanças globais e as mudanças nas configurações do mundo implicam (nem antes nem depois, mas no movimento) mudanças nos lugares. E os lugares são construídos e produzidos nas próprias relações de construção da sociedade em suas múltiplas dimensões, como inicialmente colocamos. Por outro lado, a análise das mudanças globais estritamente feitas pela ótica econômica, entendemos, poderia redundar num equívoco; porque, como o próprio Marx acentuou, os homens (e mulheres) devem ser pensados multidimensionalmente, indicando-nos como perspectiva a construção de lugares autenticamente humanos, material e simbolicamente. Mesmo que, para isso, os dramas sejam uma constante, pois como ressaltou Yves Lacoste, citando Jean Dresch, "Não existe geografia sem drama".

E é também na *trama* e nos dramas *de relações*, que os lugares e as *gentes* se fazem diferentes.

AS MUDANÇAS GLOBAIS E A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO ATUAL

Márcia da SILVA

A Geografia, desde o seu processo de sistematização (e até mesmo antes dele, com a Antiguidade Grega), tem passado por diversas influências. Mais recentemente, essas influências perpassam desde o estruturalismo e o marxismo até o pós-modernismo, como defendeu Armando Correia da Silva. Temos sido influenciados, enquanto geógrafos, também, por diversas ciências, como a Sociologia, a Economia, a História, a Biologia. Com isso, estudiosos como Paul Singer, Francisco de Oliveira, Otávio Ianni, Marilena Chauí, José de Souza Martins, estão presentes em nossas discussões. Discorrer sobre o tema "mudanças globais e a configuração do mundo atual" reflete, até certo ponto, essa alocação. Outros autores (geógrafos ou não) nos permitem aqui a construção desse texto.

Entender as mudanças globais e a conseqüente configuração do mundo requer a busca das transformações que se operam a partir do território (reorganização das nações no "mapa" do mundo) e a partir dos fluxos, das idéias, da informação. Lefebvre (1999) nos indica como o espaço é, assim, apropriado e produzido: não só economicamente, no modo estrito, sugere o autor, mas também no plano simbólico, dos valores, da desejabilidade, da ideologia, da dominação, no plano amplo, complementa ele.

Milton Santos (2000) afirma que a perversidade do dinheiro e da informação tem permitido o "controle" do mundo ou das ações globais a determinados grupos ou segmentos sociais. O autor, na mesma obra, nos lembra que se faz necessário reverter esta conjuntura e que a solução (ou os elementos para que ela ocorra) está a caminho. Afirma ele (Santos, 2000) que as mudanças sociais recentes ocorridas na América Latina, na Ásia e na África e os movimentos populares em diversas partes do mundo, apontam para uma outra globalização. Enquanto esta,

demonstrada por Santos, ainda nos parece um pouco distante, falemos da que então está em curso.

Mudanças globais ou processo de globalização (apesar do primeiro termo, a princípio, nos parecer indicar transformações e o segundo associações) são noções bastante discutidas nas últimas décadas. O processo recente de globalização tem como ponto de partida o pós-segunda Grande Guerra e a bipolaridade mundial daí decorrente. Estados Unidos e União Soviética comandaram esse processo, não mais como “guerra quente” (das armas, dos mísseis, do fogo), mas como “guerra fria” (do discurso, da política, da geopolítica – inclu-se aí a corrida armamentista).

A década de 1950 é marcada pela transnacionalização da economia, em termos efetivos, pela presença das multinacionais em diversas partes do mundo. O Brasil tem o governo Juscelino Kubitschek, interessado na industrialização do país, iniciada nos anos 1930 e reforçada pelos militares após 1964. Mas se como aponta Santos (1996) a globalização ou as mudanças globais se dão pelo conjunto das mundializações, ou seja, do dinheiro, do crédito, da dívida, da cultura, da dominação, não podemos nos esquecer que ela tem início com as grandes navegações dos séculos XV e XVI, com o poder que as metrópoles exerciam sobre as colônias.

As mudanças globais são impostas a partir do centro do sistema capitalista que almeja um mundo sem fronteiras para a conquista ou a reafirmação de mercados. Isso importa queda dos obstáculos para a penetração do capital (financeirização) nas economias periféricas. Seus mercados (dos países ricos) continuam impondo o protecionismo. Qual será o interesse dos Estados Unidos na criação da ALCA, suprimindo o Mercosul e o Pacto Andino? Possivelmente não é o de permitir que empresas brasileiras ou da vizinha Argentina lá se instalem.

As mudanças globais implicam, ainda, a formação dos chamados blocos econômicos de poder, numa tentativa de resposta ao processo inverso, o da globalização. Eles são, atualmente, os responsáveis, territorialmente, pela configuração do mundo atual. Aliás, atual é quando? O agora, a modernidade, a contemporaneidade? Quantas mudanças

impuseram ao mundo Montesquieu e Rousseau, com os princípios políticos, Darwin e Lamarck com o evolucionismo, Newton, Copérnico e Kepler com um melhor entendimento da dinâmica do universo.

A opção pelo atual nos diz que esta junção de países em blocos, com o fim do socialismo e a supremacia do capitalismo, no final dos anos 1980, quer fortalecer suas economias em relação a economia global. A concorrência, no entanto, não permite que os mesmos se fortaleçam, pois o nível tecnológico aplicado ao processo de produção, por exemplo, pelas empresas dos países do Mercosul, não superam a concorrência das grandes empresas globais, dos países desenvolvidos.

A configuração do mundo atual se dá, ainda, pelo novo imperialismo espanhol na América Latina e particularmente no Brasil. Imperialismo financeiro, pelas transações instantâneas, como as telecomunicações e os bancos. Estamos perdendo mais um assalto da luta pela sobrevivência às mudanças globais, como aponta Forbes (1994), ao falar do subdesenvolvimento. O que dizer da abertura econômica, pela política neoliberal, realizada pelos governos Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, na década de 1990? É neste sentido que Martins (1994) afirma que não só o capital, mas o coronel, o jagunço, o juiz, o Estado, o oligarca também interferem no espaço, especialmente o social. Neste caso, falamos da razão local, atrelada a razão global, demonstrada por Santos (1994) para cada lugar do planeta.

A questão do lugar, do local, nos fez lembrar dos sujeitos, dos atores sociais das mudanças globais. Uma pesquisa de 2000 realizada pelo Banco Mundial aponta que grande parte da população do mundo vive com menos de um dólar ao dia. Para sermos mais exatos, 46% da população da África subsaariana e 15,6% da população da América Latina vivem com essa quantia. Na Europa central esse índice cai para 5,1%. Quando as mudanças globais vão chegar aos locais da pobreza? Quando a configuração do mundo (e nem precisa ser a atual) mostrará caminhos a esses cidadãos? Quando o capital, trabalhado por Smith (1988) e Lipietz (1988), vai apontar trilhas para que o cidadão possa segui-las, construindo uma vida digna? Se o espaço global é cada vez mais do capital, como preservar a natureza, dilacerada a cada dia?

Pensando dessa forma, nos defrontamos com uma série de possibilidades de transformar o espaço a partir dos pressupostos geográficos. Claro que, como apontamos logo no início desse texto, a participação das demais ciências se faz fundamental. Em conjunto, atuando localmente, podemos ir ao encontro daquela (outra) globalização que Santos (2000) nos diz estar a caminho. Busquemos, em contrapartida ao espaço do capital, o espaço do cidadão (Carlos 1994). A décima primeira tese de Feuerbach, de Marx e Engels, já nos lembrava que os filósofos se limitaram a interpretar o mundo. Busquemos agora transformá-lo.

AS MUDANÇAS GLOBAIS E A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO ATUAL*

Denise Cristina BOMTEMPO**

O espaço geográfico é dinâmico como afirma Santos (1996), e essa dinâmica permite que ocorram mudanças ao longo do tempo.

Para discutirmos o tema, "as mudanças globais e a configuração do mundo atual", é necessário que seja feito um resgate histórico dos vários momentos que ocasionaram mudanças no espaço geográfico. Spósito (1999), propõe uma discussão a cerca das revoluções logísticas, sendo que a primeira, ocorreu com as grandes navegações, emergindo uma nova configuração dos espaços mundiais, ou seja, ficou evidente a dominação de espaços que logo se tornaram territórios de colonizadores e de colonizados, portanto, já se configurava uma desigualdade.

A segunda revolução logística, proposta por Spósito (1999), é caracterizada como a Primeira Revolução Industrial, sendo que o desenvolvimento de máquinas acompanhando o processo produtivo, foi uma das características desse período.

A terceira revolução logística refere-se à Segunda Revolução Industrial, sendo que o desenvolvimento das técnicas permitiu uma nova configuração espacial.

A mudança no espaço geográfico estava presente, configurou-se a divisão territorial do trabalho, ficando as desigualdades mais explícitas, sendo o centro do sistema capitalista responsável pela produção e a periferia (incluindo o Brasil), responsável pelo abastecimento de matérias-primas para os países centrais.

A relação entre os países esboça-se em âmbito global, porém não de forma homogênea, há sempre uma relação de desigualdade dentro

* Texto apresentado na Prova de Conhecimentos Específicos do processo de seleção para o Curso de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado), da FCT/UNESP – Presidente Prudente, realizado nos dias 20, 21 e 22 de Novembro de 2000.

** Aluna do curso de Pós-Graduação da FCT/UNESP de Presidente Prudente – Faculdade FAPESP. E-mail: bontempo@webmac.pst.br. Orientador: prof. Dr. Elysen Savaris Spósito. E-mail: sposito@prudenet.com.br

do sistema capitalista, que é contraditório, como afirma Smith (1988), em seu livro *Desenvolvimento Desigual*, recordando que o capitalismo para sua existência produz espaços desiguais.

A Segunda Guerra Mundial foi um marco no tocante às mudanças da configuração dos espaços mundiais.

A Europa saiu destruída da guerra, assim como o Japão. O "poder", estava centrado na mão de uma "nova" potência econômica, que eram os Estados Unidos. Este, passou a dominar as relações econômicas e políticas do espaço mundial. Tem-se, portanto, um novo mapa do mundo a partir da Segunda Guerra Mundial, o que Santos (1996), caracteriza como "período técnico científico informacional" e Spósito (1999), compreende como a quarta revolução logística do Sistema Capitalista.

A quarta revolução logística é marcada pela flexibilização da produção, subcontratação de empresas, e desenvolvimento de novas técnicas de informação, entre elas a informática, que possibilitou a conexão do mundo através de redes como afirma Correa (1995), "hoje existe uma conexão entre os espaços, por mais distantes que sejam".

Uma outra característica da quarta revolução logística é em relação ao Estado, que tinha o papel de desenvolver políticas públicas de bem-estar social. Na era global, o mercado passou a controlar grande parte da economia e da política, tornando-se o Estado subordinado aos países dominantes do sistema capitalista, hoje representado pela tríade: Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão".

Autores como Ianni (1996), no livro *Teorias da Globalização*, consideram que "a globalização tende a homogeneizar os espaços, tornando-o único, sendo o capital o responsável por essa homogeneização. A globalização também produz símbolos, como marcas de empresas que são verdadeiros impérios globais, citamos coca-cola, *mc donalds* etc".

Hoje, percebe-se que a globalização não homogeneiza os espaços, pelo contrário, as desigualdades estão cada vez mais presentes, pois os espaços não são homogêneos, possuem suas especificidades; como afirma Santos (1994) em *Metamorfoses do espaço habitado*. Por

outro lado, o capital também não é produzido de maneira homogênea no espaço, criando, portanto, espaços diferenciados dentro do sistema capitalista.

Recordando a afirmação de Sassen (1995), globalização fez surgir uma geografia distinta, ou seja, de centros e margens, pois as relações de poder se dão nos países centrais do sistema capitalista, também a produção científica, o desenvolvimento de técnicas, bem como as decisões políticas, sendo que as cidades globais merecem ser destacadas, pois são centros importantes na configuração do mundo atual, lembremos, portanto, de algumas como *New York*, *Tóquio*, *Londres*, *Milão* etc. Na periferia do sistema capitalista, também existem cidades globais como São Paulo e cidade do México, porém, essas seguem as regras ditadas pelo centro do sistema.

Os países, que estão fora das decisões econômicas e políticas do mundo atual, pertencem à margem do capitalismo, são os países como o Brasil que vivem em situação de dominação, recebendo imposições políticas do centro. Um exemplo disso é a política neoliberal adotada pelo atual governo, que tem como uma das características a privatização de empresas estatais, gerando crises de desemprego, entre outras.

Não podemos deixar de destacar a configuração do mundo por blocos regionais, ou seja, são países que possuem interesses comuns e se unem para vencer a concorrência do mercado. Através da constituição dos blocos, percebemos a clara desigualdade entre os países centrais e periféricos, ou do centro e das margens.

Existem vários aspectos que merecem ser destacados em relação às mudanças globais e a configuração do mundo atual, entre elas, os movimentos migratórios, pois no início do século a imigração era dos países centrais do capitalismo para os países periféricos, pois, no dado momento histórico, os países periféricos atraíam as pessoas, principalmente pela oportunidade de trabalhar na agricultura, hoje porém, os movimentos migratórios internacionais ocorrem de maneira "inversa", ou seja, os países centrais estão recebendo cada vez mais migrantes dos países periféricos; são pessoas que vão vender sua força de trabalho onde o capital dela necessita, à que se destacar os movimentos

migratórios entre o Brasil e Japão, Estados Unidos e países da Europa Ocidental, como Portugal, Espanha etc. Os movimentos migratórios no período global também possuem características específicas, como, trabalho temporário e adoção de trabalhadores não qualificados.

A circulação de pessoas e de mercadorias, portanto, é um fator determinante na era da globalização.

Como podemos perceber, o desenvolvimento das técnicas possibilitou várias mudanças no espaço geográfico seja no âmbito político, econômico e social, porém, ainda recordando de Milton Santos (1996), “a globalização não homogeneiza o espaço, pois os lugares são específicos, possuem característica próprias”. Não podemos nos esquecer também que, o global só se concretiza no local e de maneira diferenciada. Todas essas relações sociais e econômicas ocorrem dentro do sistema capitalista, que na sua essência é contraditório e só se sustenta pela contradição, ou seja, pelas desigualdades.

Hoje podemos ter em mente o novo mapa do mundo, com relações de dominações antigas. As nomenclaturas mudaram, mas as desigualdades estão explícitas.

A globalização não é só da economia, mas também da cultura, porém existem movimentos contra o processo global, deixando mais forte a questão dos nacionalismos.

Milton Santos (2000) propõe pensarmos uma outra globalização, ou seja, uma globalização humana, fundamentada nas relações sociais, considerando as especificidades de cada lugar, elaborando políticas econômicas e sociais para cada lugar, pois a globalização como acontece hoje, imposta pelos países centrais contribuem cada vez mais com a presença das desigualdades. O que se privilegia hoje é o econômico, a produção e reprodução ampliada do capital, gerando assim exclusão social, como afirma Paul Singer (1998) no livro *Globalização e Desemprego*.

A geografia hoje tem um papel importante nas ciências sociais, pois, sendo seu objeto de estudo o espaço geográfico, possibilita analisar as relações desiguais existentes dentro do sistema capitalista, e desmistificar que a globalização homogeneiza os espaços. Pelo contrário,

a globalização se dá de maneira diferenciada, pois os espaços são específicos.

Cada lugar possui sua história, seu povo, sua cultura, sua economia, e por isso a globalização não se dá em todos os setores.

O que temos, na configuração do mundo atual, é uma economia internacional e não uma globalização total.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORREA, Roberto Lobato. *Redes Geográficas – cinco pontos para discussão*. In: VASCONCELOS, P. A. & SILVA, S. B.(org.). *Novos estudos de Geografia Urbana Brasileira*, Salvador: UFBA, 1999.
- IANNI, Octávio. *Teorias da Globalização*. 3ª ed. RJ, Civilização Brasileira, 1996.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2000.
- _____. *A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SASSEN, Saskia. Os espaços da economia global. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanch M. *Globalização, regionalização e nacionalismo*. São Paulo: UNESP, 1999.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego. Diagnósticos e Alternativas*. São Paulo: Contexto, 1998.
- SMITH, Neil. *Desenvolvimento Desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SPOSITO, Eliseu S. *Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades*. Presidente Prudente: GASPER, 1999.

AS MUDANÇAS GLOBAIS E A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO ATUAL

João de Souza LIMA¹

INTRODUÇÃO

A configuração do mundo atual se alicerça em um fenômeno entendido, nas últimas décadas, como globalização. Este fenômeno nada mais é do que o resultado da expansão capitalista, que, por sua vez, produziu e reproduziu condições para que vários aspectos estivessem hoje com alcance global. Assim, no decorrer das transformações que levaram a atual configuração do mundo, o capital sempre esteve no comando da dinâmica dos aspectos responsáveis pela integração de praticamente todas as regiões do planeta.

Entretanto, ao mesmo tempo em que ocorre a integração, se mantém a exclusão, tanto em relação a países e nações, quanto em relação ao homem dentro e fora de sua nação. Tudo isso regido pelo capital que continua estabelecendo condições para sua reprodução e, para isso, é sempre mais interessante ter um mundo “globalizado”.

A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO ATUAL

Para se tentar entender a configuração do mundo atual, faz-se necessário uma breve retrospectiva que nos leve à reflexão sobre a evolução das transformações que conduziram o mundo ao sistema que hoje é entendido como globalização.

A “organização” global começa a se desenvolver no momento em que, movidas por interesses comerciais, surgem as grandes viagens marítimas, a partir da Europa (séc. XV e XVI). Assim, novas áreas, no caso a América, Ásia e África, passam a fazer parte do sistema de

¹ Mestrando, Curso de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Presidente Prudente.

consumo e fornecimento de mercadorias, dando início à divisão internacional do trabalho e à chamada acumulação primitiva de capital por parte das metrópoles européias.

Entretanto, os fatores que favorecem a configuração global, surgem, atendendo aos apelos da reprodução do capital, com a Revolução Industrial. O trabalho mecânico acelera a produção, o consumo e a reprodução do capital, levando as nações dominantes no caso as européias, principalmente Inglaterra e França, a lançarem o imperialismo. Estabelecia-se o domínio de novas regiões que passariam a fazer parte da oferta de matérias-primas e mão-de-obra barata. Nascia o que Ariovaldo U. Oliveira conceituou de desenvolvimento desigual e combinado.

Quanto ao século XX, este é marcado por grandes alterações no cenário econômico, social e político. Para Eric Hobsbawm, foi um breve século, começando com o primeiro grande conflito mundial (1914) e culminando com a decadência do socialismo e as alterações no Leste Europeu (1990/1).

A disputa pelo mercado e o imperialismo, representaram a causa maior das duas "Grandes Guerras". Esses conflitos redefiniram a hegemonia global, onde os EUA passaram a, sob todas as formas, influenciar espaços cada vez mais amplos visando o fortalecimento do sistema o qual liderava, o capitalismo.

Por outro lado, a URSS comandava a expansão socialista que, teoricamente, tentava amenizar as injustiças e desigualdades provocadas pela circulação e reprodução do capital. Estabelece como sua periferia imediata o Leste Europeu. Neste contexto, o mundo passava a viver a ordem bipolar da Guerra Fria.

Paralelamente à Guerra Fria, se expandia o desenvolvimento industrial e tecnológico, agora sob o comando do capitalismo monopolista. Na expansão do capitalismo destacam-se as grandes empresas multinacionais, que passam a escolher locais que lhes sejam mais interessantes, buscando vantagens, que já não estavam tão acessíveis no mundo desenvolvido. Neste sentido, entra como fator importante a participação do Estado, agente favorecedor da expansão desses grupos

empresariais, fornecendo benefícios como a implantação da infraestrutura, incentivos fiscais, financiamentos para a instalação e produção, além de outros.

Contraditoriamente ao caráter de universalização, característico da globalização, transcorre a organização dos blocos econômicos (UE, Nafta, Mercosul, Apec, etc.), tendo como objetivo comum o crescimento econômico de seus países membros. Assim, estruturam-se para fazerem frente às economias internacionais, atendendo ao sentido concorrente do capital.

Em relação à bipolaridade, esta perde o sentido a partir de 1989, com as transformações ocorridas inicialmente na URSS atingindo, posteriormente, todo o Leste Europeu. Um fato marcante é redefinição de fronteiras, indo desde a queda do Muro de Berlim até a desintegração da própria URSS, Iugoslávia e Tchecoslováquia.

No contexto da globalização, as maiores mudanças ocorreram nas últimas três décadas com o grande avanço do chamado período técnico-científico. A evolução dos meios de comunicação, a eletrônica e informática, colocam-se, cada vez mais, a serviço do capital. Nesse sentido, o planeta se "apequena", tamanha é a rapidez com que se desenvolve a circulação de idéias, mercadorias, serviços, finanças e pessoas.

As cidades, que, a partir da industrialização, já comandavam o desenvolvimento econômico, passam a desenvolver velocidade cada vez maior na dinâmica de reprodução do capital. São fortemente influenciadas por fatores relacionados à modernização da agricultura, agora muito dependente do espaço urbano. Com a modernização da agricultura, expande-se o intercâmbio cidade/campo, através da troca de produtos. O desemprego estrutural provocado pela mecanização das atividades agrícolas, transfere grande parte da população rural para os centros urbanos. Isso se torna um problema grave, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde se multiplicam enormes e desorganizadas metrópoles.

A comunicação, com o desenvolvimento do período técnico-científico, ganha dimensões sempre mais amplas. Porém, como salientou

Milton Santos, esta se manifesta sob a forma de circulação das idéias, mercadorias, finanças e pessoas. A comunicação no sentido humanitário, corpo a corpo, é cada vez menor. Isso se evidencia principalmente nas grandes cidades, onde a população é recrutada em suas residências pelo medo à violência, congestionamentos no trânsito, pelo aparato eletrônico como a televisão e, principalmente o computador, que lhe oferecem a possibilidade de informação, de entretenimento e de resolução de tarefas de cunho profissional.

A globalização integra e exclui, mantendo as desigualdades econômicas e sociais com a dinâmica do, já citado, desenvolvimento desigual e combinado. Como fatores de integração toma-se expansão do comércio internacional, a informação através dos meios de comunicação, o acesso às vantagens oferecidas pelos meios de transporte cada vez mais rápidos e confortáveis, etc. Como exemplos de exclusão enuncia-se as barreiras de proteção alfandegária contra exportações de países pobres, principalmente produtos agrícolas, a não participação de grande parte da população às vantagens oferecidas pelas inovações tecnológicas.

Para concluir esta breve abordagem sobre a configuração global, neste final de século XX e início do século XXI, faremos algumas considerações que nos parecem relevantes.

- Há um clima de incertezas quanto ao destino econômico, social e político de alguns países. Como caso específico, citamos as "economias de transição", que neste momento de transformações se sujeitam à multiplicação da pobreza, ampliação das desigualdades sociais e territoriais, corrupção e outros, sintomas típicos do capitalismo;
- Continuam, com maior ou menor grau de intensidade, os conflitos étnico-nacionalistas. Vide Oriente Médio;
- A questão ambiental coloca em discussão os elevados índices de degradação e, diante do recrudescimento dos problemas, em nível global, ganha adeptos em todo o planeta, tendo nas Ongs os seus representantes maiores. O que se discute é qual será o

papel dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos em relação a atitudes que possam amenizar, mesmo que parcialmente os problemas, uma vez que a solução ideal nos parece utópica, ante a teoria e prática da produção e "consumismo", tão bem representados pela expansão da chamada "cultura de massa".

- O problema das migrações, que ganha agora sentido inverso, isto é, dos países pobres para os ricos. Estes últimos que no auge do seu desenvolvimento industrial, no pós-guerra, foram "generosos" com a mão-de-obra estrangeira. Atualmente, há movimentos crescentes de discriminação, sob várias formas, contra o imigrante que, em grande parte, foi produzido pelo desenvolvimento desigual e combinado;
- O que fazer com o tempo livre, como enfatiza o sociólogo Domênico de Mazzi, já que a automação e informatização da produção tende a ampliar cada vez mais o tempo ocioso da população ?
- Finalmente podemos afirmar que o capital continua firme e fortalecido na atual configuração global e, como preocupação maior, deixamos uma questão: o que fazer com mais de 1,5 bilhão de pessoas que são obrigadas a viver com menos de um dólar diário? Martins afirma: "*O capital desumaniza o homem*".

AS MUDANÇAS GLOBAIS E A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO ATUAL

Lays Regina ANDRIUCCI¹

Para compreender as mudanças que ocorreram e que ocorrem no mundo, deve-se reconstituir a história do homem. Isso porque, o que somos hoje é reflexo de um passado, a vivência do presente e até mesmo a projeção para um futuro. Portanto, faz-se necessário o levantamento de pontos da história que configurem com melhor clareza a aparência do mundo atual.

O primeiro aspecto a ser abordado é a passagem do feudalismo para o capitalismo. O sistema feudal foi uma época na qual a ciência ficou praticamente estagnada. Neste período, o pensar era proibido. Mas, essa estrutura era frágil, especialmente se considerar que não era capaz de atender à necessidade da maioria do povo que sobrevivia comandados por uma pequena parcela detentora do poder. Foi através da inquietação dessa grande massa popular que começou a se estruturar uma classe de pessoas onde a base era o comércio. Assim, com a consolidação de, a priori, pequenos espaços de intensa comercialização que se percebe o surgimento da, até então, não existente burguesia. Essa classe social conseguiu através de giro de capital intenso, desestruturar totalmente o antigo sistema. Desta forma, crescia a concentração de pessoas em pontos estratégicos levando ao fortalecimento e a consolidação das cidades. Um fato muito interessante a considerar é que mesmo a classe burguesa tendo saído do meio da grande massa popular, rapidamente passou a dominar. Este episódio pode ser atribuído especialmente pelo apoio concedido do rei. Segue-se, então, novamente a configuração de uma separação entre os detentores e os não detentores do poder.

Um fator geográfico de destaque nesse período é à busca da dominação de territórios não conhecidos. O desbravar e dominar locais distantes é uma variável muito importante quando se considera o processo

¹ Mestranda, Curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP. E-mail: laandriucci@bol.com.br

de configuração do espaço. As intensas comercializações, a concentração de pessoas nas cidades, resultam, entre outras coisas, na procura de novos lugares, que desempenhem o papel tanto de consumidores como também de fornecedores de matéria-prima, além de comportarem a população que cada vez mais era excedente. Nesse período da história o conhecimento geográfico é um dos mais importantes. A cartografia é um dos instrumentos de destaque na mão do geógrafo e dos exploradores.

Essa nova forma de estrutura social e econômica (o capitalismo) que se consolida cada vez mais, espelha ao mundo uma consciência onde o gerar e o deter capital são os objetivos mais importantes. O homem considerando-se ser o centro do universo, desenvolve tecnologia, domina novos espaços, mas ainda marginaliza o próprio homem. E é por esse fator, dentre tantos outros, que ao sistema capitalista pode-se atribuir a definição de sistema selvagem. Um exemplo é a incapacidade de se extinguir ou pelo menos diminuir as diferenças sociais que resultam principalmente na miséria e/ou na fome de grande parcela da população mundial.

E, é baseado nessa fragilidade do sistema, que surgiram revoltas populares que resultaram em guerras. Revoluções, como a Revolução Francesa, foram capazes de refletir a inquietação de um povo diante da marginalização social. O povo rompe a aliança entre burguesia e monarquia e toma o poder por um período mostrando ao mundo que através da força popular poderia se fazer muita coisa. No entanto, a classe burguesa, mais politizada, volta a dominar, mas com uma visão diferente. Compreende e enxerga que existe uma grande parte da população marginalizada que pode sim ser uma ameaça às estruturas do sistema.

No entanto, sem dúvida, ao viajar através da história da humanidade, percebe-se que o imperialismo foi um dos pontos que mais refletiu e reflete na configuração do mundo. Essa forma de expansão do sistema capitalista gera cada vez mais o fim do espaço isolado. Tudo (ou quase tudo) faz parte de um contexto mundial, levando ao que é particular ser nada mais que o reflexo do geral. Constata-se assim, que desde as primeiras manifestações imperialistas se tem um processo de

sistematização do que conhecemos hoje como globalização. Na tentativa de consolidar o poder, as nações buscam dominar a maior parte dos lugares alcançáveis possíveis ao desejo das grandes potências.

Têm-se, como reflexo dessa luta imperialista, as duas grandes guerras mundiais. E foi através delas que se redesenhou a geografia do planeta. Ficou claro o campo de dominação dos países industrializados (desenvolvidos), sobre os países subdesenvolvidos. É interessante destacar que recortes de regiões como o continente africano, refletem claramente o interesse dos imperialistas. Dominar sem jamais considerar ou respeitar a cultura local. Povos, tribos que de origem deveriam estar espacialmente separados, juntam-se em um mesmo local, resultando em guerras sangrentas. Estas, por sua vez, impedem o desenvolvimento regional, ou seja, cada vez mais se propaga a miséria (fome, doenças, entre outros).

Atitudes estas, dos países industrializados, que demonstram o interesse ao subdesenvolvimento de outros locais. É interessante para as grandes potências possuírem mercados que forneçam matérias-primas baratas e que ainda consumam seus produtos industrializados. E, para que isso seja um ciclo (incessante), os desenvolvimentos tecnológicos de muitos países são constantemente evitados. Isso ocorre principalmente através do impedimento à educação. Ou seja, concedendo o direito de estudar, gera-se (ou pode gerar) pensadores (críticos) capazes de além de auto-sustentarem, organizarem-se contra esse sistema separatista e principalmente imprudente.

Outros fatos históricos podem ser também citados, como: a Guerra Fria, a Queda do Muro de Berlim, os conflitos no Oriente Médio; a grande revolução tecnológica onde a computação proporcionou grande salto à ciência; a revolução nos sistemas de comunicação

- avanço nas formas de transportes e surgimento da internet, entre tantos outros fatores, somados, ou seja, o que aconteceu e o que ainda está acontecendo, são responsáveis pelo geótopo do mundo atual. Características sociais, territoriais e até mesmo culturais da atualidade refletem todo esse processo histórico. A mundialização da economia não é cada vez mais real pelo resultado desse contexto mundial.

Resta agora apenas considerar, depois desse breve apanhado histórico, que o homem evoluiu, criou e superou muitas coisas como problemas econômicos, estruturais e até mesmo acreditou em sua capacidade de “domínio” e “posse” sobre o ambiente natural. Mas, ainda essa aparente onipotência humana não foi capaz de transcender o discurso do capitalismo, bem como do socialismo. E, só assim, através da superação do sistema vigente, poder configurar um novo e melhor mundo atual.

AS MUDANÇAS GLOBAIS E A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO ATUAL*

Rusvênia Luiza B. R. da SILVA

*A novidade veio dar à praia,
a qualidade rata de sereia,
metade o busto de uma deusa maia,
metade um grande rabo de baleia.
(A Novidade, Gilberto Gil, 1986)*

A música de Gilberto Gil, citada na epígrafe, fala de um tema cada vez mais corriqueiro nos discursos da sociedade contemporânea: a novidade. A sereia é a novidade, em sendo fusão de uma “deusa maia” com um “grande rabo de baleia” - o semióforo¹ criado. Marilena Chauí (2000) afirma que a criação de semióforos na história do povo brasileiro, é cada vez mais frequente, são os símbolos e significados que se dão aos objetos promulgando-lhes sentidos diversos, sob os mais diferentes objetivos. Quais seriam os semióforos criados nesse atual “momento” do mundo?

Vários autores concordam em dizer que a globalização – nome que se dá a “etapa” do capitalismo na atualidade, cria e recria ideologias. A ideologia de que acabou a ideologia, acabou a história e que ao mundo só resta aderir às novas tecnologias. Nas universidades, as pesquisas crescem sob a “sustentação flexível” do neotecnicismo. Importante pensarmos que as mudanças globais e a configuração territorial que o mundo atual encarna, não podem e nem devem ser encaradas como um fenômeno da atualidade. Contudo, atentemos a frase de Marx

* Texto apresentado na Prova de Conhecimentos Específicos do processo de seleção para o Curso de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado), da PCT/UNESP – Presidente Prudente, realizado nos dias 20, 21 e 22 de Novembro de 2000.

¹ Aluna do curso de Pós-Graduação da PCT/UNESP de Presidente Prudente. Bolsista CAPES. E-mail: rusvenia@bol.com.br. Orientador Prof.º Bernardo Mançano Fernandes.

² Segundo CHAUÍ (2000), p. 12) “o semióforo é a comunicação com o invisível, um objeto trazido à frente ou empurrado para indicar algo que significa alguma coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica...”

(1844), quando diz que, não se deve confundir um período da história com outros.

Alguns dados da ONU (Organizações das Nações Unidas) demonstram que o mapa do mundo assistiu várias alterações. Em 1988, 10 países eram membros dessa "organização". Já em 1994, o número subiu para 194 países. Em 1989, 1990 e 1991, houve várias modificações na estrutura geopolítica dos territórios, citadas por José Willian Vesentine (1995), o aparecimento de alguns países como Estônia, Letônia, Lituânia, por exemplo. Isto implicou em diversas alterações na geografia e na cartografia mundial.

Pensar as mudanças no mapa mundi requer outros importantes exercícios. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) é um "marco" da passagem de um mundo monopolar para um mundo bipolar, fenômeno que se conhece após a Segunda Guerra Mundial (1930 – 1945). No período entre guerras, o termo geopolítico surgido em 1899, segundo o geógrafo João Alves Castro (1997), vive nessas décadas seu apogeu. Pudera: a necessidade de traçar estratégias na ação territorial se faz mais premente, além de que o Estado é compreendido como se fosse um organismo supra individual, dotado de vida, instintos e consciência, sujeito a leis de crescimento, podendo ampliar seus territórios, fundir etnias, colonizar e conquistar, Castro (1997).

Guerra Fria. Duas propostas para o mundo? Talvez. Por um lado, um Estado burocratizado e empresarial; por outro, um Estado controlador, embora controlado pela elite do Partido Comunista na ex-Rússia, a URSS. Neste período, produziu-se o discurso de que haveria sim duas únicas propostas para o mundo. Demétrio Magnoli e José W. Vesentine (1995) apontam a Guerra Santa como quebra dessa ideologia. O caso Irã demonstrou que as identidades culturais de uma nação podem sucumbir barreiras aparentemente intransponíveis.

Embora outras crenças perpetuassem no imaginário social, como a de que a bipolaridade do mundo seria por muito tempo o que iria conformá-lo, em 1989 "caiu" o muro de Berlim. A crise da URSS reforça a hegemonia dos EUA, junto com o fortalecimento de outras potências

e blocos de poder. Esses acontecimentos nos permitem compreender a configuração do mundo atual.

François Chesnais (1996), em *A Mundialização do Capital* afirma que, o capitalismo tem várias fases. Já foi chamado de Mercantilismo, de Revolução Industrial, de Imperialismo e hoje é chamado de Globalização. Ao mesmo tempo, o referido autor trabalha com termo Mundialização, definindo-o em dois momentos: após a Primeira Grande Guerra e em meados de 1980, com as políticas de liberalismo de Thatcher e Reagan. Neste sentido, é válido afirmar a colocação de Milton Santos (1994), qual seja a de que o capitalismo possui uma "vocaçao globalizante", que se difunde com a formação de um meio técnico científico e se materializa atualmente, com a promulgação da unicidade técnica: é o meio técnico científico informacional.

Renato Ortiz (1994) esclarece que o termo mundialização é trabalhado pelos franceses e globalização pelos estadunidenses. Ariovaldo Umbelino (1999) afirma que os termos global, globalizante, globalizar vão surgir após a Segunda Guerra Mundial. Estes dois autores concordam que a globalização entra primeiro no discurso e só se materializa no período atual embora a busca dos grandes grupos oligopolistas é a de territorializar-se como e onde lhes é mais lucrativo, escolhendo livremente a localidade material de suas empresas transnacionais, internacionais e multinacionais.

É notória a afirmação de que, em um momento, a flexibilidade do capital promulga a flexibilidade das forças de trabalho. A configuração atual dos espaços nacionais é determinada pela ação das elites pactuadas. É o que Milton Santos (1996) elaborou em tese sobre o uso do espaço nacional pela economia internacional, fazendo com que hoje assistamos a um processo de urbanização do território.

A partir do paradigma sócioespacial, autores como Ricardo Antunes, Maria E. B. Spósito, Rogério Haesbaert, Ariovaldo Umbelino, Ruy Moreira, dentre muitos outros, pensam as características dessas mudanças no globo no nível do espaço e do território.

Segundo Rogério Haesbaert (1995), vive-se um momento de territorialização, difusão e obsolescência das regiões criadas pelas multinacionais. O autor explica que ao se implantar em determinado

território, essas empresas difundem sua tecnologia, empregam pessoas, produzem mercadorias e criam redes de influências em cidades e lugares vizinhos, como ocorre em cidades como Catalão – GO e Prata- MG, com a Mitsubishi e a Faber Castell, respectivamente. Ao mesmo tempo, se perceberem não mais “lucrativa” a permanência nesse território, saem, decretando a obsolescência da “região” que criaram. Nesse processo há uma desterritorialização dos agentes que participam da construção dessa região, podendo se re-territorializar mediante outros processos, como, por exemplo, a implementação de uma nova empresa em um outro local. Destarte, recriam outras relações e redesenham o processo novamente.

A implementação dessas empresas – “novos” agentes formadores da territorialidade mundial - promovem o que Spósito (1999) chama de desmetropolização e desindustrialização. No mesmo viés analítico, essa autora afirma que o crescimento das cidades médias confirma esta tendência. De certo modo, Milton Santos (1996), ao falar das rugosidades do espaço urbano, está ao mesmo tempo dizendo que são barreiras das estruturas e das formas espaciais que impedem as “inovações” advindas desse processo. Daí o “campo”, ou as cidades médias estarem mais abertas às inovações.

A urbanização do território assistida pelo mundo resulta da relação sociedade/espaço e das formas com que o modo de produção capitalista se materializa uma formação econômica social sob diferentes culturas, agentes e estruturas físico-materiais. Milton Santos e Maria B. B. Spósito discutem os destinos deste possível crescimento. Enquanto o primeiro fala de desmetropolização, a segunda fala que as metrópoles assumem outras funções, não mais as eminentemente industriais. Ricardo Antunes discute nesse processo, o papel do Estado que, ao se mostrar “permissivo”, não investindo inclusive nas pesquisas sobre o território que gesta, confere este papel às empresas multinacionais. O jogo entre a política dos Estados e as políticas das empresas cria a ideologia de que privatizar é uma saída para resolver problemas como o desemprego e a miséria sociais. E a “nossa pátria mãe, tão distraída dorme”; sem perceber

que era (é) “subtraída em tenebrosas transações”, tal qual canta Chico Buarque.

A tese do globalitarismo incontestável é válida neste contexto, pois a identidade do trabalhador sofre uma flexibilização inconstante. Determina-se que é necessário o saber da informática, institucionalizar-se o inglês como língua franca e configura-se o modelo de trabalhador do mundo: flexível, simpático, na moda, poliglota, de terno, gravata e unhas feitas. Mas é um modelo alterável a todo o momento. Charles Chaplin em “Tempos Modernos” mostra para compreendermos que o amanhã guarda outros modelos, mais e mais modelos de trabalhador.

Estes discursos invadem os lugares, influenciam e implicam na construção de uma *subjetividade maquínica* – conceito formulado por Suelly Rolnik e Félix Guattari (1986) no brilhante livro Cartografias do Desejo. O livro é uma leitura do imaginário social criado pelo mundo atual, seus semióforos mil que movimentam o mercado e promovem mudanças de todos os níveis. Acreditamos que as mudanças globais atingem tanto a materialidade do espaço quanto a sua subjetividade. A loucura do tempo da máquina, incompatível com o tempo da natureza, da qual fala Ruy Moreira, não entra em discurso. O que parece é o discurso ambientalista, como se o problema do clima urbano não fosse resultado da ocupação do território inapropriadamente. Talvez isto nos explique o porquê do discurso ambientalista se fazer por agentes distintos: FMI, G7, MST, agremiações políticas de esquerda. Tal discurso não é colocado da maneira correta, de forma que até Xuxa, a “babá eletrônica”, faça campanha para proteção do mico-leão dourado, lance inúmeros produtos de plástico no mercado, que povoam o desejo e o fetiche de crianças, tanto da periferia segregada da cidade, até para além dos muros dos condomínios fechados.

Enquanto pensador desse espaço cada vez mais complexo de ser gestado é relevante propormos direcionamentos para suas tensões. Pululam grupos e organizam todos os dias movimentos sociais, escancarando suas carências. É importante nos colocarmos eticamente munidos de uma teoria espacial que consiga pensar contribuições que a

ciência geográfica pode dar ao que se tem denominado nos estudos de Milton Santos e Maria Laura Silveira³ de "território usado". De forma que as identidades da cidade como os guetos, os "hip hops", as flanelinhas, os camponeses organizados, dentre outras, contribuam para a orientação de um território plural, não como sustentáculo da lógica capitalista e societária neoliberal, mas promulgando alguma coisa mais fora da nova ordem mundial.

Contudo é válido acreditarmos em um outro futuro, que está nascendo a cada dia a partir dos movimentos sociais. No caso do MST cada vez mais trabalhadores rurais na luta por um território mais justo estão sendo organizados, na perspectiva de que suas identidades possam ser valorizadas, identidades de trabalhadores do campo. Confiamos que, grupos como este, os zapatistas no México, e outras lutas ignotas, miradas no passado e analisadas no primeiro capítulo da tese de Fernandes (2000), que aos poucos se esparramam pelo mundo, possam promover uma configuração territorial diferente: mais justa, mais sensível, mais simples e mais humana. Pois como diz Padre Antônio Vieira em *Paixões Humanas*, "o maior apetite do homem é desejar ser".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Castro, João Alves de. *Geopolítica ou Geografia Política* (inédito). Goiânia: 1997.
- Chauf, Marilena. Brasil. *Mito fundador e sociedade autoritária*. Coleção História do Povo Brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- Chesnay, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã VM, 1996.
- Fernandes, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

³ Este debate foi introduzido por Maria Laura Silveira e Mônica Arroyo no mini-curso dado no Encontro Nacional de Geógrafos em Florianópolis.

Guatarri, F. e Ronilk, Sueli. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Haesbaert, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: Castro, Iná Elias de et al (org.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Marx, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. In: Fromm, Eric. *Conceito Marxista do Homem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. *Território e Migração – Uma discussão conceitual na Geografia*. Conferência Proferida no *Simpósio Internacional "Migração, Nação, Lugar e Dinâmicas Territoriais"* – 19 a 25 de abril de 1999 – Departamento de Geografia – FFLCH – USP – UGI, São Paulo – SP (inédito).

Ortiz, Renato. *Mundialização da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Santos, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico Científico Informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

Spósito, Maria Encarnação Beltrão. *A Urbanização da Sociedade: Reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais*. In: Carlos, Ana Fani et al (org.). *O espaço no fim do século – a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.

Vesentini, José William. *Do mundo bipolar ao espaço multipolar*. Fita de vídeo. São Paulo, 1995.

_____. *O desenvolvimento desigual das últimas décadas*. Fita de vídeo. São Paulo, 1995.